



Caros Valonguenses,

Hoje é 25 de Abril e nunca esperei vir a dizer isto, mas a verdade é que não vivo em Liberdade.

E não vivo eu, nem vive a maioria dos Portugueses por causa deste confinamento a que estamos obrigados.

Quero, antes de mais, começar pelos votos de que estejam todos seguros em Vossas casas e o desejo que rapidamente ultrapássemos esta pandemia para voltarmos em segurança às nossas vidas.

Confesso que apesar de ter nascido ainda antes de 1974, não sou daqueles que possa dizer ter vivido com fervor os momentos da conquista da Liberdade.

A Liberdade, viveu sempre ao meu lado de forma natural e quotidiana e confesso que me custa um bocadinho não a ter.

Acredito, que muitos dos mais velhos do que eu, estarão agora a pensar que não faço ideia do que é realmente ter vivido nos tempos em que a Liberdade era dada a conta-gotas. Se calhar têm razão. Nunca sofri, mas também não vi ninguém da minha família sofrer por razões políticas antes 1974. Só depois.

Infelizmente, naquela 5ª-feira de Abril, a esquerda ficou acantonada a um desejo único de derrube do Salazarismo e o rumo a um Socialismo deslocado à esquerda. Por outro lado, a direita deixou que a esquerda se tornasse dona de todos os símbolos da Liberdade, permitindo-lhe uma narrativa na qual só eles são os donos e tutores dela, acabando muitas das vezes a rescrever história daquele Verão.

A minha filha de 6 anos, ouviu ontem uma história que lhe contaram. Uma história, romântica que metia cravos e povo feliz na rua e liberdade e soldados pacíficos. Uma história onde a tentavam convencer que não tendo existido “aquele dia” nunca poderíamos ser felizes. Uma história onde havia Portugueses que lutavam em Africa por “uma guerra que não beneficiavam” (sic).

Acontece, que a história não foi bem assim. Ou melhor, até começou por ter esse alcance, mas a verdade é que logo de seguida veio um Verão quente. Um Verão de tiros, de bombas, de ocupação de terras, de combates, de uma saída trapalhona dos territórios ultramarinos, ao mesmo tempo que se cercavam pessoas no Palácio de Cristal. Veio um Verão caracterizado por uma absoluta anarquia no Governo, nas Forças Armadas e na Sociedade Portuguesa que teve como resultado inevitável uma tensão crescente entre grupos de Direita e da Esquerda. Uma tensão tal, que por pouco não acabou numa guerra civil e lá se iam os soldados pacíficos.

Quem me conhece, reconhecerá certamente neste texto a quantidade de vezes que proclamei a palavra “Liberdade”. Porque nunca vivi sem ela, não é nada meu hábito glorificá-la tantas vezes.

Por outro lado, terão também reparado que não usei uma única vez a expressão “25 de Abril”.

E não a usei, por uma única razão – se hoje tenho uma vida em Liberdade, devo-o sobretudo ao **25 de Novembro** – a quem efetivamente devemos a nossa plena Liberdade.

Acabo como comecei - com um voto - um voto de esperança que o Governo, os Partidos, a Assembleia da República e os Sindicatos, saibam nos feriados que se aproximam, respeitar o sufoco da privação da Liberdade dos Portugueses.

Espero, sinceramente espero, que nos saibam brindar com a elevação do seu exemplo e sejam respeitadores do esforço que fazemos ao mantermo-nos confinados em casa.

Alexandre da Silva Teixeira, Líder Municipal CDS-PP